**Conversas moebianas sobre a construção de um corpo, hoje\***

**Patricia Tagle Barton – NEL-Lima**

**Participantes:** Gloria González (NEL-Bogota, membro), Mónica Pelliza (NEL Cochabamba, membro), Claudia Subieta (NEL-Cochabamba, associada), Elida Ganoza (NEL –Lima, membro), Eugenio Calmet (NEL –Lima, participante)

**Prolegômenos**

Como ir e vir, e neste movimento in-corporar algo do que foi conversado sobre o corpo em nosso cartel? Como recorrer, afinal das contas, ao corpus teórico da psicanálise e ao mesmo tempo, perceber o trajeto que foi tomando corpo ao longo de meses de trabalho?

Passar por um fio algumas pérolas soltas seja, quiçá, uma forma possível de produzir um texto para oferecê-lo à nossa Conversa.

**Uma pergunta**

Não existe pergunta “inocente”, pois toda pergunta se constrói na interseção do sabido e o não sabido. Ela traz em si uma germinação valiosa e corajosa: a sua potencia elucidante. Ao mesmo tempo, o desafio de preservar esse centro, girar em torno dele sem aboli-lo.

A pergunta que nos chama gira em torno da tese de que “um-corpo” se constrói.

Se constrói? / Hoje? / Como?

**Primeira questão**: o corpo não é dado de partida. Não nascemos com um-corpo. Por sermos falantes e falados, somos subtraídos da imediatez da existência biológica, “natural”, instintiva. O corpo, nesse caso, não é o organismo, o pedaço de carne com o qual nascemos. As palavras e a linguagem antecedem-nos, e inauguram com a sua marca indelével a nossa chegada ao mundo humano, demasiado humano, como diria Nietzsche.

**Segunda questão:** trata-se de uma tese que se sustenta na evidência da psicopatologia, visto que nos permite constatar que não é possível, em todos os casos, um ser humano construir (se) um corpo. Um corpo medianamente consistente para suportar a vida, diga-se de passagem. Fenômenos como os que observamos no autismo e as psicoses são o fundamento desta tese. Porém, não só eles. Lembremos que a psicanálise teve como marca de nascença o sintoma conversivo da histeria que Freud soube ouvir, o corpo falando.

**Terceira questão:** Falar da construção de um corpo situa-nos desde o inicio em uma perspectiva estrutural, e a partir de certas coordenadas estruturantes. Entendemos assim que a pergunta não aponta ao particular da época, mas ao fundamental da episteme sobre o assunto: em suma, como concebemos hoje, na nossa comunidade de trabalho e de experiência, a construção de um corpo?

Podemos vetorizar a episteme analítica, de Freud a Lacan a partir deste ponto, tomando um arco traçado desde o primeiríssimo Freud (lembremos o Projeto de uma psicologia para neurologistas, onde Freud tenta mostrar os modos de inscrição no psiquismo de uma marca traumática primitiva), até o último Lacan e seu conceito de parlêtre.

No entanto, esta perspectiva nos permite localizar (se não compreender) como e por que viéses o corpo pode ser afetado, inclusive modificado, pela incidência do discurso científico, e a biotecnologia na atualidade, e pensar as consequências que isso acarreta.

**1. As palavras e os corpos**

“O real, direi, é o mistério do corpo que fala, é o mistério do inconsciente.”

Lacan, Seminário 20, Aún [[1]](#endnote-1)

Por que meios se realiza a junção impossível das palavras e os corpos? Dessas duas ordens tão diferentes e irredutíveis, como são a carne e o “espírito”?

Esse mistério é, de fato, um real da nossa experiência, e por sua vez a condição de possibilidade do ato analítico; posto que não há cura possível, senão sob o suposto de que a palavra pode tocar o corpo e inclusive modificar a sua economia libidinal. A libido como órgão “irreal”, não obstante encarnado, seria a dobradiça, o ponto de junção e articulação:

“A libido é um órgão essencial para compreender a natureza da pulsão” —diz Lacan—. “Este órgão é irreal. O irreal não é o imaginário. Define-se por articular-se com o real de um modo que não podemos apreender, e por isso, justamente, requer uma apresentação mítica, bem como a nossa. Contudo, ser irreal não impede um órgão de encarnar-se.” [[2]](#endnote-2)

Uma atenta revisão do corpus teórico da psicanálise permitirá localizar os diversos marcos epistêmicos, aqueles que tanto Freud assim como Lacan, apelaram na sua tentativa de formalizar este real da nossa experiência; e cada um deles pode, de fato, ser matéria de um atento e necessário aprofundamento crítico.

A verdade é esta: não há vida, nem gozo, nem satisfação, nem prazer, nem dor possíveis, sem um-corpo. E nesse sentido, não existe um mais além do corpo, para uma-vida humanamente vivível.

Por isso, Freud cunhou o conceito de pulsão como representante do somático no psíquico, assinalando à inscrição do corporal no psiquismo. Lacan prosseguiu nesta via reformulando a sua teoria até o final do seu ensino. Desta forma, no Seminário 23, Lacan define a pulsão como “o eco no corpo do fato de que existe um dizer”[[3]](#endnote-3) , o que nos situa na perspectiva das ressonâncias da língua sobre o corpo: chuva de palavras, inclusive de sons que eros- iona o corpo, e dá ao vivente uma vida na dimensão/dit-menção humana da palavra.

A voz, como vinda do Outro, do hétero, advém aqui essencial, na medida em que toda possível ressonância é eco da palavra proferida, de alguma palavra proferida por outro, não qualquer, que veicula lalangue como puro verbum. É o fiat lux da gênese de um-corpo possível de advir, aí, onde isto/isso/algo? Fala, ressoa, e imprime uma marca que sela o encontro contingente e traumático de lalangue com um-corpo.

**Divertimento # 1:**

**DO MITO** – Jaime Sabines

A minha mãe contou-me que chorei no seu ventre.

Disseram-lhe: terá sorte.

Alguém me falou todos os dias da minha vida

no ouvido, devagar, lentamente.

Disse-me: vive, vive, vive!

Era a morte.

**2. Trindade: do Um, e muitos corpos em Um-corpo**

“Mas o corpo deve ser compreendido ao natural como desenodado desse real que,

para existir aí a título de fazer seu gozo, lhe segue sendo opaco.”

Lacan, a terceira [[4]](#endnote-4)

Se falarmos de trauma, inclusive de troumatisme, é porque se trata de um encontro desarmônico, aí onde lalangue é estrangeira para o corpo vivo. Na medida em que não há palavra, nem significante que possa dizer do corpo vivo como um “todo”, essa desarmonia permanecerá irremediável, e portanto, haverá um resto irrepresentável desse corpo que não se é, que se tem, e do qual goza-se. Tal qual Tetis ao dar banho em Aquiles na fonte da imortalidade, resta sempre uma “área” intocada da vida “pura”; inassimilável à ação humanizadora de lalangue.

O quê se cerne em torno ao furo traumático que assinala o encontro de lalangue com um corpo? Trata-se de diversas consistências:

– A da carne, substância gozadora, em suas duas vertentes: a do que nela permanece in-forme, aquela do puro devir como vivente; e aquela que foi recortada pelo significante e marcada por lalangue. Não obstante, vive, goza, padece, sente, e morre.

– A da imagem, que dá “forma”, unifica e pacifica (ou, de outra forma, abisma, como ao Narciso). Sede do ego, e do amor próprio; puro artifício, porém, artifício necessário enquanto dá suporte ao próprio ser e ao “mundo”.

– A do corpo, quando sexuado e inscrito na ordem simbólica, regulada conforme a lei do Pai, segundo a fórmula que Lacan cunhou como “Metáfora Paterna”. Consistência necessária para entrarmos no discurso, e no laço do amor com o Outro.

Como se tecem, e se des-tecem, e se entre- tecem estas três consistências?

Do entrecruzamento entre cada Um-encontro contingente e a insondável decisão do ser como resposta, desprendem-se infinitas clínicas do im-possível, a-bordando o único e singular de cada casus. Clínicas do corpo, onde “todos os signos de ruptura e desarticulação corpo-língua remetem a esse trauma fundamental.” [[5]](#endnote-5)

O sinthome, como acontecimento de corpo, é o modo singular em que cada ser humano, falasser, parlêtre, se ajeita com o “irreparável”. Com o fato irrefutável de que o corpo “a cada instante, levanta acampamento”[[6]](#endnote-6) e joga seu próprio partido.

**Divertimento # 2: “Colado com babas”**

“A noite me ocorreu olhar-me neste espelhinho, e te asseguro que foi tão terrivelmente difícil que quase me jogo da cama. Imagine que você está se vendo; isso basta para ficar frio durante meia hora. Realmente esse cara não sou eu, no primeiro momento senti claramente que não era eu. Peguei-o de surpresa, de passagem, e soube que não era eu. I Sentia, e quando algo se sente… Mas é como em Palm Beach, sobre uma onda, te cai a segunda, e depois outra… Apenas sentes, e já vem o outro, vem as palavras, não são as palavras, é o que está nas palavras, essa espécie de cola de colar, essa baba. E a baba vem e te cobre, e te convence de que o do espelho és tu. Claro, mas, como não perceber. Mas, se sou eu, com meu cabelo, esta cicatriz. E a gente não percebe de que o único que aceitam é a baba, e por isso parece-lhes tão fácil olhar-se no espelho. Ou cortar um pedaço de pão com uma faca.” [[7]](#endnote-7)

**3. Da des-crença, e nossos tempos**

“O parlêtre adora seu corpo porque acredita que o tem.

“Na realidade não o tem, mas o seu corpo é sua única consistência

 —consistência mental, naturalmente […]”

Lacan, Seminário 23, o sinthome [[8]](#endnote-8)

Todo mistério exige de seu, como contraparte, uma crença, um ato de fé; ainda se tratando da crença de ter um corpo. Trata-se de consentir ao engano necessário para sustentar a vida como puro azar e puro sem sentido. “Os desenganados enganam-se”, dizia Lacan [[9]](#endnote-9). E é certo, porque não chegamos à vida, senão a partir de um desejo, ou de uma confluência de desejos que não esteve em nossas mãos e que nunca dará razão última à nossa existência, porém de cuja sombra temos que nos encarregar.

Na atualidade o discurso científico, apoiado vigorosamente na tecnologia e na biologia, tende e pretende apagar todo rastro de desejo humano e toda marca de inscrição simbólica na nossa constituição como “corpos”. Para o discurso científico somente somos puros seres biológicos, sujeitos ao determinismo crasso das combinatórias genéticas inscritas no nosso DNA. O que tem um impacto indiscutível sobre os corpos.

O caso da Angelina Jolie —para mencionar um só caso de forte repercussão mediática— serve-nos de exemplo.

Há poucos anos atrás, ela extirpou os seios, para não padecer de câncer de mama (o câncer que a sua madre teve, e que a levou à morte), e recentemente extirpou os ovários com a mesma suposição, no intento de impedir que seu corpo fosse tocado por alguma contingencia pré- dita, inscrita em seu código genético. Um “meme” que circulou nas redes sociais fazia eco a essa tendência hiperbólica e irrefreável; no qual se apresentava radiante, sorridente, e sem dentes: “para prevenir as cáries Angelina tirou os dentes” –rezava a lenda. Somemos a isso o fato de que os meios aplaudiam o ato de Angelina, que cortava pela raiz, o sofrimento que causaria aos seus filhos, sofrimento que ela padeceu “precocemente” por perder a sua madre.

Tratamento “preventivo” do corpo como pura realidade biológica, indistinta. Forclusão da subjetividade (neste caso como mulher, como filha, como mãe), do luto, de toda a possibilidade de historiar um “destino”. Existem outros casos, sem dúvida. Não é o único. O que nos interessa ao mencioná-lo é justamente mostrar um dos viéses pelos quais o discurso científico atual incide e afeta os corpos, desconstruindo-os. Ainda, quando feito sob a ilusão de alcançar uma “imagem perfeita”. O espelhismo onipotente que anima o impulso atual de “construir” um corpo “prêt-à- porter”, é a outra face da mesma moeda.

É nossa tese: o discurso da ciência desconstrói o corpo, hoje. O desconstrói pela via da -pretendida- abolição de todo viés humano, de todo desejo, de toda marca, de toda imperfeição, de toda contingência.

**4. Da crença e a psicanálise hoje**

Qual a crença, hoje, do mistério do corpo que fala?

Para nós, trata-se da crença no inconsciente: o corpo falante e o corpo falando, desde Freud.

Inaugurar essa crença instaurá-la, inclusive inoculá-la, está a cargo do desejo do analista, e é a condição da possibilidade do ato analítico, hoje e sempre.

Mas, quiçá hoje, seja necessário mais do que nunca, que o analista seja uma presença viva, como desejo e como corpo; que seu ato possa ir na contracorrente do discurso da ciência que, com o tempo, pulveriza o corpo e o parlêtre e o abisma na errância do anonimato mais radical.

Contamos com alguns testemunhos:

– O “geste à peau” de Lacan (com Suzzane Hommel)[[10]](#endnote-10) ; capaz de trocar o trauma do horror vivido nas mãos da Gestapo por um gesto terno, inesquecível: um gesto capaz de apelar à humanidade, como a própria analisante o nomeou.

– A “banda sonora” —da qual fala Marcus André Vieira em vários testemunhos— com a qual o analista, fazendo ruídos diversos, acompanhou o último trecho da sua análise.

– O “você me produz isto”, com o qual o analista acompanhou o gesto de se agarrar fortemente à sua paciente na saída do consultório, nos testemunhos de Silvia Salman.

– “Uma olhada de sutiã”, significante com o qual uma analisante dá conta da sua entrada na transferência.

São alguns exemplos, temos mais. Quiçá, dentre eles, o de Lacan resulte paradigmático. Porém, em todos eles se mostra que a dit-menção de amor que a transferência instala é, e segue sendo vital.

**Divertimento # 3**

**Corpo multiplicado** – Jorge Eduardo Eielson

Não tenho limites

a minha pele é uma porta aberta

e meu cérebro uma casa vazia

a ponta dos meus dedos toca facilmente

o firmamento e o piso de madeira

não tenho pés nem cabeça

meus braços e minhas pernas

são os braços e as pernas

de um animal que espirra

e que não tem limites

se gozo somos todos que gozamos

ainda que não todos gozem

se choro somos todos que choramos

ainda que não todos chorem

se me sento em uma cadeira

são milhares que se sentam

na sua cadeira

e se fumo um cigarro

a fumaça chega às estrelas

o mesmo filme em cores

na mesma sala escura

me reúne e me separa de todos

sou um só como todos e como todos

sou um só.

Lima, junho de 2015

1. \* Traducción revisada por Fatima Pinheiro

 LACAN, Jacques, o Seminário 20, Mais, ainda. Bs. As.: Paidós, 1981, p. 158. [↑](#endnote-ref-1)
2. LACAN, Jacques, o Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Bs. As.: Paidós, 1973, p. 213. [↑](#endnote-ref-2)
3. LACAN, Jacques, o Seminário 23, o Sinthome. Bs. As.: Paidós, 2006, p. 18 [↑](#endnote-ref-3)
4. LACAN, Jacques, “A terceira”, em Intervenciones e textos 2. Bs. As.: Manantial, 1988, p. 89. [↑](#endnote-ref-4)
5. LAURENT, Eric, em III Coloquio da Orientación Lacaniana. Bs. As.: Grama Ediciones, Colección Orientación Lacaniana, 2013, p. 41. [↑](#endnote-ref-5)
6. LACAN, Jacques, o Seminário 23, o Sinthome. Bs. As.: Paidós, 2006, p. 64. [↑](#endnote-ref-6)
7. CORTÁZAR, Julio, “El perseguidor” em Las armas secretas. Madrid: Cátedra, 2012, p. 161. [↑](#endnote-ref-7)
8. LACAN, Jacques, o Seminário 23, o Sinthome. Bs. As.: Paidós, 2006, ibídem (o sublinhado é nosso). [↑](#endnote-ref-8)
9. LACAN, Jacques, o Seminario 21, “Los desengañados se engañan, o los nombres del padre” (inédito). [↑](#endnote-ref-9)
10. <<https://www.youtube.com/watch?v=QhSHsIl7S0s>>. [↑](#endnote-ref-10)